

CHRISTI
CALDWELL

Autora bestseller
do USA Today

«Os livros de
Christi Caldwell
são de leitura
obrigatória!»
Mary Balogh

Uma **Fera**
Apaixonante

TOP
SEL
LER

Poderá um inimigo acender
um desejo difícil de controlar?

Ao meu pai (papá):

Tu incentivaste os meus sonhos em todos os momentos da minha vida: desde que, com 10 anos, decidi que seria a primeira árbitro feminina da Liga Profissional de Basebol até à altura em que comecei a ter lições de canto, porque sonhava trabalhar na Broadway. E quando, já adulta, sonhei ser escritora, também me apoiaste com entusiasmo.

Obrigada por teres acreditado em mim — mais ainda, por me teres incentivado — mesmo naquelas alturas em que eu própria tive grande dificuldade em acreditar em mim.

A história de Cleopatra é para ti!

Capítulo 1



St. Giles, Londres

Início da primavera de 1825

Adair Thorne estava destinado a conhecer a destruição pelo fogo.

Depois de ter ficado órfão, havia mais de duas décadas, em consequência de um incêndio que consumira a padaria do pai e lhe levara os pais e a irmã, Adair contemplava agora as cinzas do seu próprio estabelecimento.

Entorpecido. Gelado. Imóvel.

Nada. Estava sem nada.

O incêndio fora há pouco dominado pelos bombeiros, e o crepitar sibilante das brasas recentes ainda se fazia ouvir na peculiar quietude que se abatera sobre as ruas de St. Giles. Os criados, os guardas, as raparigas de servir e todos quantos chamavam sua a esta casa permaneciam no empedrado, em silêncio; só as mulheres choravam baixinho.

De olhar fixo em frente, Adair contemplava — mas sem ver — as gárgulas de metal, ainda ferozmente orgulhosas e intactas, e os degraus de pedra chamuscada do Clube Inferno e Pecado.

Não sobrara quase nada. Nem as cozinhas. Nem os quartos de hóspedes. Nem as salas de jogo. Só tinham restado os gabinetes privados e os quartos dos homens e mulheres que ali viviam.

A agonia acumulou-se-lhe na garganta, impedindo-o de respirar, até que um gemido, primitivo e desesperado, mais próprio de um animal ferido, lhe saiu dos lábios, misturando-se com os soluços que provinham das suas costas, dissolvendo-se neles.

— ... várias pessoas com queimaduras graves...

— ... um milagre ninguém ter morrido...

Sim, o edifício tinha sido completamente evacuado. Não obstante o inferno de tudo o que tinham perdido naquela noite, Adair sentiu uma parte do peso soltar-se-lhe de cima dos ombros: não tinha havido nenhuma vítima.

O que perdeste foi apenas tudo o resto — tudo.

— Não vai ser possível salvá-lo...

Estas observações casuais proferidas por dois dos bombeiros que tinham dominado o incêndio atingiram a zona de confusão, horror e desespero em que Adair se encontrava.

Adair pestanejou lentamente. Sim. Tinham tido sorte. Não morrera uma única pessoa naquele incêndio. Contudo, pensou, fechando os dedos manchados de fuligem e formando com eles dois punhos cerrados, o que morava dentro de si era uma fúria ingrata. Um desejo de lançar a cabeça para trás e arengar contra o mundo por tudo o que perdera naquele dia.

Apercebeu-se vagamente de que Ryker, o seu irmão da rua, se aproximava, postando-se a seu lado. Ainda sem reação, Adair olhou-o de relance.

O chefe do grupo de proprietários deste clube, um homem a quem a vida endurecera, trazia um brilho severo no olhar e a face da cor das cinzas.

— Anda — disse-lhe. — Não resolvemos nada ficando aqui a ver. Temos de encontrar um sítio para os empregados e as...

Adair continuou a ouvir-lhe a voz, mas as palavras do irmão não lhe entravam na mente. Era por isso que Ryker sempre fora o líder do grupo de St. Giles: porque sabia mandar, porque assumia o controlo das situações. Porque tinha tirado proveito da raiva cega e do ódio ao mundo que os dominava, ditando as condições de sobrevivência dos membros do bando.

Ryker pousou-lhe uma mão no ombro.

— Anda.

— Eu cá não saio daqui — replicou Adair com brusquidão, sacudindo-o. — Queres qu'a gente se vá embora? Eu cá não vou. Para mim, este clube não era uma coisa qualquer.

O irmão dilatou as narinas e inspirou fundo.

Niall — que tinha sido o chefe dos guardas e que era o primeiro a intervir quando começava alguma discussão no clube que acabava de arder — aproximou-se dos dois a grande velocidade. Casara-se recentemente com Lady Diana, filha de um duque, mas esse facto em nada abalara essa parte indelével da pessoa que ele sempre fora.

— Parem com isso! — ordenou, interpondo-se entre os dois.

— Eu cá não saio daqui — repetiu Adair, assentando resolutamente os pés no chão.

Calum, o outro irmão da rua, um homem calmo por natureza, mesmo quando tinha de lidar com um incêndio, afastou-se do grupo de empregados com quem estivera a conversar e foi ter com eles.

— O que é que se passa?

Como raio consegue ele estar tão calmo?

— Este aqui — respondeu Adair, apontando com o queixo para Ryker, num gesto enfático — quer ir embora. — Enquanto os sonhos de todos eles ruíam, devorados pelo fogo.

— Não ganhamos nada em ficar aqui a ver... isto — contrapôs Ryker, apontando para os escombros.

Adair ergueu um olhar frenético para as janelas rachadas e estilhaçadas. Antes que qualquer um dos outros pudesse dizer alguma coisa, saíram-lhe dos lábios palavras roucas:

— Este sítio era a nossa razão de ser. — Fora o sonho que os sustentara durante o longo período em que não haviam podido permitir-se tal devaneio. — Foi isto que nos aguentou quando gelávamos no inverno, quando tínhamos de lutar pela vida à navalhada, quando o Mac Diggory nos batia sem dó nem piedade, e tu queres que viremos costas e pronto? — A voz saía-lhe com um timbre frenético, uma nota que ele só conhecera quando, em

pequeno, assistira à morte de toda a família e à destruição da padaria num incêndio parecido.

A discussão pareceu alargar-se para além dos presentes... como sempre acontecia quando algum deles referia o chefe do bando a que tinham pertencido anteriormente.

Mac Diggory. Morto há dois anos, continuava vivo na mente de todos eles, bem como nos atos dos homens e mulheres que haviam jurado lealdade àquele Demónio... e que tinham assumido a causa da vingança quando Adair, Ryker, Calum e Helena, a irmã de Niall, haviam acabado com o patife. Não importava que um lugar lado a lado com Satanás nas chamas do Inferno fosse um castigo pouco pesado para o cruel filho da mãe. Apesar de ter espancado, assassinado, violado e roubado, o desgraçado conseguira conquistar a lealdade eterna de uns quantos.

— Foi o Killoran — sussurrou Adair. O culpado daquilo era Broderick Killoran, o proprietário da Caverna do Demónio, o clube rival do deles. Ao longo dos últimos anos a batalha pela supremacia não tinha sido travada nas ruas, mas no interior dos clubes, criados com o produto de muitos bens roubados. — Ele tem andado a tentar dar cabo de nós desde que herdou o lugar do Diggory. — Os irmãos calaram-se, num silêncio de concordância. — E nós que acreditámos que ele ia honrar o juramento de paz — prosseguiu Adair num tom exasperado. Quando a mulher de Diggory, que, entretanto, também morrera, havia raptado Diana, tinham sido os membros da família de Killoran a revelar a Niall onde estava a rapariga. Desse modo, Adair e os irmãos haviam estabelecido uma aliança perigosa com eles, e ficava agora provado que tinha sido uma estupidez baixar a guarda. — Tu disseste qu'a gente devia confiar nele. — *Mas eu sou tão responsável como tu, porque fui na conversa, embora achasse o contrário.*

Niall, que era o mais impulsivo do grupo, deixou cair a capa do autocontrolo.

— A culpa disto não é minha — rosnou, crescendo para Adair.

Calum e Ryker apressaram-se a agarrar cada um deles por um braço.

— A culpa não é tua — replicou Adair, cuspido no chão. — É de nós todos. Nós baixámos a guarda. — Era uma das regras básicas de sobrevivência, e eles tinham-se desleixado a aplicá-la. Um desleixo que lhes havia custado o clube. Adair sentiu a bílis a subir-lhe à garganta e engoliu em seco.

— Chega! — ordenou Ryker, olhando com uma expressão enfática para os empregados que se encontravam ali ao pé, pálidos, com o medo no olhar.

Adair sentiu o peso da responsabilidade cair-lhe sobre os ombros. Este peso era aliás o único fio — tão fino, porém — que o impedia de ceder ao pânico que lhe atormentava o espírito. A responsabilidade devolvia-lhe o sentido. E era bom ter um sentido para as coisas. Protegia-o de se abandonar ao desespero. A sobrevivência dos homens, mulheres e crianças que se aglomeravam atrás deles dependia do clube; eram pessoas que tinham trabalhado para eles com lealdade e que não mereciam ficar reféns da incerteza e do medo.

— Temos de cuidar deles — insistiu Ryker, num tom onde se lia a gravidade do momento.

Um enorme pedaço de estuque calcinado de um canto do estabelecimento desagregou-se e desmoronou-se na rua, caindo sobre uma pilha de escombros. Aquela queda provocou uma nova crise de lágrimas e gemidos de agonia por parte dos homens, das mulheres e das crianças.

— Já sobrevivemos a coisas piores — recordou Calum, o otimista do grupo, com uma expressão carregada. — Também havemos de sobreviver a isto. — Exprimia-se com a mesma confiança com que falava quando eram miúdos e não tinham onde se abrigar nos meses de inverno. — E sairemos daqui mais fortes — concluiu, cerrando os dentes.

Sim, já tinham sobrevivido a coisas bem piores.

Adair fechou os olhos por momentos. Seria certamente uma prova da força dos irmãos e da sua própria fraqueza, mas a verdade é que a perspetiva de reconstruir tudo a partir do zero lhe fazia nascer uma onda de pânico no peito. Cobardemente,

egoisticamente, o que ele queria era habitar no alto da torre do edifício construído pelo grupo e nunca mais ter de voltar ao princípio. O princípio de tudo... Desde o primeiro ar que tinha respirado, passando por sobreviver à tragédia, por encontrar uma nova família, por construir uma nova casa, tudo fora trabalho. Tudo fora incerteza e medo e desconhecido.

— Anda — repetiu Ryker. — Temos de tirar esta gente toda da rua até... — Um brilho sombrio passou-lhe pelos olhos, o primeiro sinal de que o confiante Ryker Black também passava por momentos de incerteza. Ryker afastou-se a passos largos, berrando ordens e indicações aos atemorizados funcionários.

Adair olhou para trás, contemplando uma vez mais o edifício ardido, e sentiu um peso de desolação a esmagar-lhe o peito. O máximo que lhe fora concedido tinham sido os primeiros 7 anos de vida, em que vivera mergulhado num ambiente de bondade e inocência. Mas esse ambiente morrera, juntamente com os pais e a irmã, noutra incêndio como este. Desta vez, por muito aliviado que se sentisse pelo facto de nenhum dos habitantes do clube ter sofrido o mesmo destino que a sua família, continuava a albergar uma enorme fúria. Porque o clube não era apenas um edifício ou um local de trabalho. Fora um sonho, fora a sua casa, e fora a única coisa que ele quisera na vida. E agora desaparecera.

— Adair! — Era Calum a chamá-lo. — Precisamos da tua ajuda para dividir o pessoal em carroças e vagões.

Adair acenou com a cabeça e concentrou-se imediatamente nessa atividade, organizando os homens, as mulheres e as crianças, e encontrando nessa tarefa uma distração para o tumulto que lhe ocupava a mente e o espírito.

Com os irmãos a seu lado, trabalhou durante muitas horas, noite fora, até conseguir que todos, os criados, os guardas, as raparigas que serviam às mesas e ao balcão, fossem metidos num meio de transporte e enviados para casa de Ryker, de Niall ou de Calum. Até que, finalmente, os únicos a ocupar as ruas de St. Giles, diante das ruínas do Inferno e Pecado, eram Adair, Calum, Niall e Ryker: os quatro homens que tinham construído aquele clube.

Adair olhou novamente para a fachada, semicerrando os olhos.
Tréguas. Que estupidez.

O grupo de Killoran e os proprietários do Inferno e Pecado haviam acordado uma trégua. Uma paz que morrera nas brasas em chamas que tinham enchido a noite anterior.

— O acordo fica sem efeito — anunciou calmamente, e os irmãos olharam para ele. — O Killoran queria que o Ryker e a Penny apresentassem a irmã bastarda deles à sociedade. Pois a única pessoa que qualquer de nós lhes vai apresentar é o próprio Demónio.

Os irmãos olharam uns para os outros, e novamente para ele, após o que acenaram com a cabeça em unísono.

— O acordo fica sem efeito — confirmou Ryker, cerrando os lábios numa linha decidida, que prometia vingança.

Nenhum dos membros do clã Killoran voltaria jamais a beneficiar de quaisquer esforços por parte da família proprietária do Inferno e Pecado. Adair preferia cravar um punhal nas entranhas a ceder um milímetro que fosse àquele grupo de bandidos.

Para o diabo com as promessas.

Capítulo 2



Sobre o escritório de Ryker Black pairava uma forte tensão, mais própria de uma iminente batalha de rua em St. Giles do que do interior de uma imponente mansão de Mayfair.

A verdade é que não era todos os dias que os mais impiedosos combatentes e líderes das ruas mais carregadas de crime de Londres se reuniam sob o mesmo teto.

Mais de dez minutos antes, Adair, Ryker, Calum e Niall tinham visto chegar Broderick Killoran — que trouxera consigo um feio e corpulento guarda-costas — e a irmã deste, Cleopatra. E desde o aparecimento do trio que ninguém proferira palavra. Cada um deles fixava os opositores com uma expressão agressiva, num silêncio que nenhum queria quebrar.

No meio daquele silêncio carregado de tensão, Adair foi passando o olhar atento pelas três pessoas que tinha diante de si. Broderick Killoran instalara-se, confortável que nem um rei, num dos cadeirões de couro de Ryker, apoiando as mãos abertas nos braços de couro requintado e ostentando o sorriso arrogante que eles bem lhe conheciam; tal descontração era, contudo, desmentida pelo brilho feroz que lhe residia nos olhos. O guarda-costas, um urso de enorme porte, mais parecido com uma montanha do

que com um homem, colocara-se atrás do seu senhor, de mãos nas ancas. Adair passou os olhos pelo brutamontes — que teria uns dois metros, uns bons dez centímetros acima do seu próprio metro e noventa — sem lhe dar importância. Tinha aprendido, por experiência direta de inúmeras batalhas de rua, que qualquer criança conseguia dominar uma pessoa três vezes maior do que ela com uma pancada, um pontapé ou uma mordidela num ponto-chave do corpo do inimigo. Desviou, pois, a atenção para a figura infantil que se encontrava ao lado do brutamontes. Não tinha mais de metro e meio, e a sua forma esguia surgira envolvida num fino cetim. Possuidora de uma ampla juba de caracóis castanhos, usava óculos e tinha nos olhos um fogo que prometia a morte a quem se lhe atravessasse no caminho.

Adair fixou-a com dureza... Cleopatra Killoran. A irmã de Broderick Killoran. A pessoa que negociara a trégua entre as duas famílias... e depois os conduziu ao local onde Diana, a mulher de Niall, estava cativa, permitindo-lhes salvá-la. Tudo aquilo fora orquestrado com o propósito de eles baixarem a guarda. E eles tinham caído na armadilha que nem uns patinhos. Cleopatra parecia uma criança, mas transportava a maldade das ruas no seu olhar implacável. Só um grande idiota veria, ao olhar para ela, uma simples menina de óculos no nariz, coroada por uma juba de caracóis acobreados. Ele percebera que esta criatura lhes traria problemas assim que Cleopatra se lhes revelara.

A menina Killoran endireitou os ombros e olhou em volta, reparando em tudo, passando a vista por todos os recantos e pormenores da sala.

Os seus olhares cruzaram-se. Qualquer outra pessoa teria tido a sensatez de desviar o olhar. Cleopatra Killoran, porém, revirou os cantos da boca para cima num sorriso trocista e desdenhoso. A seguir, abanando muito ao de leve a cabeça a indicar que o tinha avaliado e considerado inepto, voltou a fixar a outra extremidade da sala.

Adair sentiu um ódio palpável queimar-lhe as veias.

Um leve chiar do couro fê-lo voltar rapidamente a atenção para Killoran, que tinha pousado um tornozelo sobre o joelho da outra

perna e abriu a boca para começar a falar. Nessa altura, porém, a menina Killoran pousou-lhe a palma da mão nas costas do assento com um gesto rápido.

O proprietário do outro antro de jogo, que envergava um elegante fato de lã mais adequado aos bairros finos de Londres do que às ruas de barracas onde crescera, olhou de relance para a irmã, e os dois trocaram um olhar de entendimento.

Um cavalheiro ou uma dama da alta sociedade não se teria apercebido daquela troca silenciosa. Mas Adair aprendera, por experiência própria, o que significava abrir a boca nas ruas: ou se morria, ou se aprendia outra língua. E era essa que estava naquele momento a ser falada diante de si, com o ligeiro arquear das sobranceiras louras de Killoran e o apertar dos lábios cheios da menina Killoran.

Concluída essa conversa silenciosa, Killoran recostou-se ainda mais e manteve o intratável silêncio com que os presenteara até então. E a diabinha que se encontrava atrás dele olhou novamente para Adair e lançou-lhe um sorrisinho malicioso.

Um sorrisinho malicioso. Um músculo no canto do olho começou a contrair-se. Estalou os nós dos dedos. Diabos levassem aquela família e diabos levassem aquela reunião.

O impasse acabou por ser quebrado pela intervenção menos provável de todas.

— O acordo fica sem efeito — anunciou Ryker no seu tom grave, que conferia seriedade à declaração.

Abandonando a atitude descontraída que ostentara até então, Broderick inclinou-se para diante.

— Um acordo é um acordo, Black. — O proprietário rival deu um murro na extremidade da mesa de Ryker. — Um acordo é um acordo, raios partam!

Ao mesmo tempo que amaldiçoava o irmão por ter cedido e proferido a primeira palavra naquela guerra, Adair sentiu um arrepio de triunfo por ter sido arrancado das mãos de Killoran aquilo que ele mais desejava, e que só eles lhe podiam dar. Mais especificamente, aquilo que Ryker e a mulher, Penelope, podiam orquestrar — tornar aquele desgraçado alguém *respeitável*.

A menina Killoran conseguiu trocar um olhar com o irmão e abanou a cabeça ao de leve. Ruborescendo intensamente, Killoran levantou-se de um salto e, apoiando as mãos na borda da imaculada peça de mogno, inclinou-se para diante.

— Seu miserável! — rugiu. — Se não fosse a minha família, a mulher daquele — apontou com o queixo para Niall, que se encontrava à esquerda de Ryker —, estaria morta. — Endireitou-se. — Eu devia ter deixado o destino seguir o seu curso.

Com um berro primitivo, Niall fez menção de se atirar a ele. Mas Calum e Ryker avançaram rapidamente e agarraram-lhe os braços.

— Meu grande cretino! — trovejou Niall, tentando libertar-se. — Eu arranco-te as entranhas pelo pescoço e volto a enfiar-tas pela barriga esventrada! — gritou.

O guarda-costas de Killoran deu um passo em frente.

Adair sacou imediatamente da pistola e apontou-a ao gigantesco brutamontes, obrigando-o a imobilizar-se.

Qualquer mulher se teria encolhido e mostrado abalada ao ver uma arma apontada a um homem a curtíssima distância dela. Mas Cleopatra Killoran ergueu o queixo na direção de Adair e susteve-lhe o olhar enquanto se colocava entre o cano da arma dele e o corpo do guarda-costas.

Adair franziu o sobrolho. Esta diabinha ou era louca, ou temerária, ou imbecil. A mulher atravessava-se entre uma bala e um homem que era empregado do irmão? Se calhar, era uma combinação das três coisas.

— Cleo! — chamou Killoran num tom severo.

A rapidez com que o homem passou de pulha impassível a guerreiro pronto para o combate revelou a sua fraqueza: Killoran gostava da miúda atrás de si.

Ela inclinou um ombro, ficando de frente para a sala.

— Estavas mesmo à espera que um Black, ou qualquer outro membro do Inferno e Pecado, cumprisse a sua palavra? — cuspiu para o chão, aos pés de Adair.

Este sentiu mais um músculo a contrair-se no canto do olho, e a tensão do encontro aumentou.

Nas ruas, um homem só valia o que valia a sua palavra. Era uma moeda mais preciosa do que o ouro.

Killoran endireitou-se, mas ela — que de certeza cometera muitos roubos nas ruas de Londres — saiu de trás do irmão e foi plantar-se no centro da mesa, de mãos na cintura, numa batalha silenciosa com Ryker.

Adair recuou. E, pela primeira vez na sua vida, duvidou que o irmão tivesse capacidade de ganhar aquela batalha... ainda por cima contra uma lasca de um Killoran.

— O nosso acordo ficou sem efeito no dia em que o Inferno e Pecado foi incendiado — insistiu Ryker, num tom inflexível.

— Pff... Os vossos clientes ficaram a ganhar. — Adair abriu a boca perante o atrevimento da jovem, e voltou a sentir uma fúria a crescer dentro de si. — Mas nós não precisávamos de vos incendiar o clube para dar cabo dele. Vocês os quatro — continuou, abarcando Adair e os irmãos com um gesto — conseguiram essa proeza sozinhos. Bastou-vos casar com senhoras da alta sociedade.

— E não é precisamente isso que tu queres para ti e para os teus? — interveio Adair. — Fingir qu'és diferente do qu'és? — prosseguiu num tom provocatório, imitando a maneira de falar das ruas para lhe recordar precisamente quem ela era, ela e os da mesma laia.

A jovem soltou uma gargalhada, e o tom de escárnio que ela continha fê-lo sentir um calor a subir-lhe pela garganta. Nunca ninguém se atrevera a rir-se na cara dele, fosse de que classe, tamanho ou sexo fosse. Em miúdo dera uma tarefa a outro miúdo por causa disso. E nunca nenhuma rapariga tivera a coragem, ou a estupidez, de tentar. O facto de uma Killoran ter a insolência de o fazer foi um choque para ele.

— Eu já suspeitava de que homens sem lealdade também não teriam cérebro. A sociedade não se incomoda muito que os seus homens se casem com as nossas mulheres. O Black foi perdoado porque é filho bastardo de um duque. Mas tu — esticou um dedo na direção de Niall — e tu — apontou para Calum — casarem-se

com filhas de duques? — Soltou uma pequena gargalhada. — A arrogância de um filho da rua se casar com quem vocês se casaram! Uma coisa é um lorde vender-se por um título, mas vocês... ligarem-se à classe deles? No dia em que assinaram os papéis do casamento, foi como se tivessem incendiado o vosso próprio estabelecimento. — Fez uma pausa e pousou sucessivamente os olhos em cada um. — Isto supondo que o Black sabe ler, claro. Sabes?

Ryker corou intensamente e olhou de relance para Calum. Um e outro eram os mais antigos do grupo, e sempre tinham assumido o papel de número um e número dois da família e do clube. Calum franziu o sobrolho com um ar aflito; depois, voltou-se para Niall e Adair. Não é que o demónio da miúda os tinha confundido a todos?

— Isso é um não? — insistiu Cleopatra Killoran, voltando-se para Calum.

Niall soltou um assobio.

— A tua irmã é louca, Killoran — declarou, lançando ao outro proprietário um olhar carregado de compaixão, que só poderia irritar o interlocutor.

Killoran endireitou-se.

— Tendo em conta que a tua sogra foi parar ao manicómio e que tu te meteste numa família dada à maluquice, calculo que tenhas uma perceção bastante precisa do que é a loucura, mas garanto-te que a Cleo é muito mais esperta e sã de mente do que tu e os palermas a quem chamas irmãos.

A compaixão desvaneceu-se por completo, e Niall estendeu as mãos por sobre a mesa e atirou-se a Killoran. O escritório mergulhou numa tempestade de gritos e imprecizações, com os irmãos de Niall a agarrarem-no pelas pernas e a puxarem-no para trás.

A menina Killoran assistia à cena com um enorme sorriso desdenhoso estampado no rosto. Por fim, estendeu um braço ao irmão.

— Esta reunião acabou, Broderick. Eu bem te disse que eles nunca cumpririam o compromisso. — Dito isto, a jovem avançou

determinadamente para a porta, sendo imediatamente seguida pelo guarda-costas.

Contudo, Broderick Killoran permaneceu resolutamente imóvel no seu lugar.

— Eu não saio daqui — declarou com um sorriso, voltando a sentar-se. — Eles fizeram-me uma promessa, e exijo que cumpram a sua palavra.

A menina Killoran soltou um pequeno gemido e fez marcha-atrás; movimentando-se com um estilo que nem de longe poderia ser considerado próprio de uma *lady*, regressou a bater com os pés, puxou para trás a cadeira ao lado da do irmão com um gesto brusco e sentou-se. Depois, lançou um olhar inflamado a Killoran, mas ele não deu sinal de que tal irritação o incomodasse minimamente. Com a sua habitual descontração, Broderick Killoran descalçou as luvas de couro e bateu uma contra a outra.

Ryker hesitou, e Adair formulou, em silêncio, o desejo de que o irmão pusesse o trio a andar dali para fora; de que os mandasse pôr na rua pelo que tinham feito e pelo que não poderia ser jamais reconstruído. Mas Ryker deixou-se ficar sentado.

Cleopatra Killoran recostou-se, e a sua diminuta figura quase desapareceu entre as amplas pregas do couro da cadeira. Depois, começou a observá-los e, fixando o olhar na pistola que ele continuava a empunhar, resfolegou.

— Podes baixar a arma, Thorne — declarou, erguendo uma das suas finas sobranceiras. — A não ser que tenhas medo, claro. Nesse caso, aconselho-te a que a mantinhas na mão. — A irmã de Killoran não tirava os olhos do cano da pistola. — Lembra-te de que só dispões de uma bala. Eu, se fosse a ti, escolhia bem o alvo.

Ele pestanejou lentamente. Céus, a mulher tinha posto em causa a honra da sua família, rira-se dele e agora questionava-lhe a coragem. Se não fosse uma Killoran, essa raça maldita, ele não deixaria de a admirar. Mas, sendo as coisas o que eram, Adair mais depressa se escolheria a si próprio como alvo da tal bala solitária do que admitiria semelhante coisa.

— Minha grande desbocada...

— Para com isso — rosnou Niall, silenciando Adair com um olhar severo.

Adair voltou a corar. Uma pessoa não podia perder o controlo; consentir em semelhante fraqueza, ainda por cima na presença de um inimigo, podia ser fatal. O que teria esta megera de língua afiada? Não era só o facto de ter sangue Killoran; era também a maneira como brandia a língua, qual lâmina afiada, e aparentemente sem esforço algum.

Killoran juntou os dedos e apoiou neles o queixo.

— Não fui eu que incendiei o vosso clube.

— És tu o responsável quando as pessoas que tens sob o teu controlo...

Cleopatra Killoran endireitou-se num gesto brusco.

— A nossa família não é controlada.

— Como se nota — resmoneou Calum.

O mastodonte do guarda-costas, que se postara entre os dois Killoran, abafou uma gargalhada. Os dois irmãos silenciaram-no com o olhar.

Ryker cerrou os lábios, o que significava que, para ele, a discussão tinha acabado.

— A tua gente... a tua... — fez um esgar — família responde perante ti. — Que ideia tão estranha, o facto de esta gente vil, os inimigos com quem haviam travado sucessivas batalhas ao longo dos anos, também serem uma família. A verdade é que uma pessoa que nascesse nas ruas acabaria sempre por encontrar quem a ajudasse a sobreviver. Quem não conseguia acabava por perecer. — Da mesma maneira que, quando estavas ligado ao Diggory, eras responsável pelos crimes do homem.

— E és responsável pelo que ele fez à minha mulher — interveio severamente Niall, esticando a cabeça sobre o ombro esquerdo de Ryker.

Cleopatra Killoran esboçou um sorriso desdenhoso e respondeu antes do irmão.

— E o que foi que nós fizemos? Salvámo-la de ser trinchada como o peru do Natal! Da próxima vez, trataremos de não

interferir, e a tua família que sofra as consequências. — Dito isto, começou a levantar-se. — Vamos embora, Broderick...

— Isso foi uma ameaça à minha família? — sussurrou Ryker, obrigando a jovem a imobilizar-se.

Seria de esperar que a própria Cleopatra Killoran, com aquela sua coragem imponderada, tivesse o bom senso de saber o que era o medo. A rapariga empalideceu, e, se Adair não estivesse a observá-la com muita atenção, não teria reparado que as mãos lhe haviam tremido ao de leve. A diabinha sabia o que era o medo. Naturalmente, toda a gente sabia. Incluindo os combatentes mais ferozes de St. Giles.

— A minha irmã não estava...

— Eu não faço ameaças veladas — retorquiu Cleopatra com surpreendente vigor. — Nem meço as palavras. Quando eu te ameaçar, tu vais perceber claramente que eu te ameacei, Black — prometeu-lhe ela.

Ryker observou-a de alto a baixo durante um longo momento, voltando de seguida a concentrar-se no irmão.

— Alguém provocou aquele incêndio — afirmou Ryder.

Killoran abandonou a pose negligente.

— Dou-te a minha palavra de que nem eu nem um único membro da minha família somos responsáveis pelo que aconteceu.

Adair sentiu que o corpo se lhe contraía. O irmão não cometeria certamente a ingenuidade de confiar num Killoran pela segunda vez. Contudo, pela maneira como observava atentamente o homem que tinha diante de si, era precisamente isso que Ryker estava a fazer: a pesar-lhe as palavras e a avaliar-lhes o valor.

Adair olhou para Niall e identificou nele a mesma fúria e a mesma frustração, refletidas nas feições do irmão, mais endurecidas do que as suas.

Killoran também se apercebeu daquela fraqueza, e por isso insistiu.

— Nós tínhamos um acordo — repetiu. — Porque haveria eu de sacrificá-lo? — Soltou uma pequena gargalhada. — Pelo menos esperava até a minha irmã se casar.

A inoportuna piada mereceu-lhe olhares de censura de Adair, da família deste, mas também da própria irmã.

Ryker apertou o queixo com o polegar e o indicador e começou a massajá-lo.

Não te atrevas, Ryker, pensou Adair. Não te atrevas a ceder um milímetro que seja a estes bastardos do Inferno...

— Tu já mostraste que não és de confiança — proferiu Ryker por fim, e Adair endireitou-se. — O facto de te teres colocado ao lado do Diggory mostra bem o valor dos teus compromissos e o alcance da tua palavra.

Se o olhar pudesse matar, a menina Killoran teria reduzido Ryker a cinzas com o fogo que lhe queimava os olhos castanhos.

— Patifes! — sibilou, levantando-se de um salto, com tal violência que os óculos se lhe deslocaram. — Esta reunião acabou para nós, Broderick. Não precisamos de nada de um Black. De nada — garantiu, voltando-se para os presentes. — É mais do que evidente que eles não faziam tenções de cumprir o acordo.

— Eu não estive em Londres na última temporada social — comentou Ryker num tom de voz tenso.

Não tinha estado, efetivamente. Fora Calum a desempenhar o papel de número um do grupo, pois Ryker passara aquele período no campo, a acompanhar o nascimento do primeiro filho.

Broderick Killoran soltou uma pequena gargalhada.

— Que atitude tão conveniente! Não foi, Cleo?

— Pois foi.

Os dois irmãos soltaram uma pequena gargalhada, tensa, sem ponta de humor.

— O meu irmão já disse que o acordo ficou sem efeito — interveio Adair, cansado daquele jogo. — E ficou. Não vamos voltar a pedir. Saíam...

Subitamente, a porta abriu-se para trás com estrépito e, em unísono, todos os presentes saltaram, colocando-se em posição defensiva, desembainhando os punhais e apontando as armas aos membros da outra família. Adair pensou por momentos em apontar a sua a Broderick Killoran, mas acabou por se decidir

pela imprevisível irmã deste; uma irmã que já tinha apontado a sua pequena arma de prata à cabeça dele, ao mesmo tempo que empunhava um punhal incrustado de joias na outra mão.

A mulher de Ryker entrou na sala com passo elástico.

— O que significa isto?! — exclamou Penelope. O facto de Lady Penelope Chatham não ter desatado a fugir, aterrada, aos gritos, mas ter avançado sala adentro, passando por membros da sua família, mas também por vários desconhecidos, todos de arma na mão, era um testemunho da sua coragem.

— Penelope — dirigiu-se-lhe Ryker num tom decidido —, estamos aqui a discutir um assunto.

Penelope deteve-se no meio da sala, a pouca distância de Broderick Killoran.

Adair avançou um passo na direção da cunhada, mas Cleopatra Killoran acenou-lhe com a própria arma.

— Nem mais um passo — ordenou-lhe.

— Isto não é discussão absolutamente nenhuma! — declarou Penelope num tom que mais parecia o de uma governanta a re-preender um grupo de crianças insubordinadas, um tom nada adequado para uma reunião dos patifes mais implacáveis de Londres. — Uma discussão faz-se com chá e bolachas; não se faz — apontou para as mãos da menina Killoran — com punhais e armas de fogo. — Os presentes olharam uns para os outros, mas ninguém tomou a iniciativa. — Ryker! — intimou Penelope com rispidez.

Ele abanou a cabeça.

O casal teve uma conversa em silêncio; só que esta não era feita de linguagem das ruas — era uma conversa íntima entre duas pessoas que se amavam. E Adair, que amava os irmãos como se eles fossem do seu próprio sangue, percebeu que estava perante uma proximidade que não conhecia nem podia compreender.

Ryker suplicava-lhe com os olhos.

— Baixa — articulou ela com os lábios, sem que a voz se lhe soltasse.

Ele fechou os olhos por momentos, e a seguir, lentamente, baixou a arma e pousou-a a seu lado.

Penelope olhou à sua volta, detendo-se muito tempo em Cleopatra Killoran.

— Todos! Já!

A diabinha de óculos foi a última a acatar a ordem, mas acabou por colocar a pistola na bainha que tinha cosida na parte da frente do vestido; a seguir, erguendo ao de leve a saia, enfiou o punhal dentro de uma das botas — e se eram peculiares, aquelas botas pretas.

Mas que género de mulher é esta irmã do Killoran? A irmã de Adair, Helena, tinha sido educada nas ruas, mas nunca lhe passaria pela cabeça levantar a saia na presença de um bando de pessoas de fora, e muito menos na presença do inimigo. Os olhos de Adair detiveram-se no esbelto calcanhar da menina Killoran.

A jovem endireitou-se e olhou fixamente para ele através dos óculos redondos.

— Querias ver mais, Thorne? — perguntou-lhe num tom provocatório.

E, apesar da irritação que a descarada miúda lhe provocava, ele sentiu que os lábios lhe estremeciam. Sempre gostara de mulheres com as curvas nos sítios onde as mulheres deviam ter curvas; contudo, se a combativa encomenda que tinha à frente não carregasse o nome de Killoran, talvez tivesse visto nela uma exceção às suas preferências. Levou, então, a mão à aba de um chapéu imaginário.

— Nem pensar, menina Killoran.

A rapariga semicerrou os olhos.

— Eles já estavam para se ir embora — informou Ryker num tom gelado, contornando a mesa para se juntar à mulher.

— Não estavam nada — contrapôs Penelope, e Adair reconheceu a postura teimosa dos ombros daquela mulher. Era a mesma que, além de ter Ryker pelo beicinho, transformara todas as salas do Inferno e Pecado e proibira que naquele estabelecimento se praticasse a prostituição. — Nós demos a nossa palavra a esta família.

— Eles incendiaram-nos o clube — lembrou Niall por entre dentes.

— Eles admitiram tê-lo feito? — retorquiu ela sem demora, olhando em volta. — Foram vocês? — perguntou por fim, dirigindo-se a Broderick Killoran. — Foram vocês que destruíram o clube da minha família?

Cleopatra Killoran olhou para ela com um ar espantado, mas ocultou rapidamente essa reação por trás da sua máscara de menina terrível.

— Não estás certamente à espera de que esta família diga a verdade — comentou Adair com um rosnydo, o que lhe valeu um novo olhar carregado da parte da irmã de Killoran.

Com um charme mais próprio de um cavalheiro num salão de baile, Broderick Killoran fez uma elegante vénia.

— Minha senhora, garanto-lhe que nem iniciei esse incêndio, nem ordenei a nenhum homem, mulher ou criança que o fizesse.

— Ele é um aldrabão! — bradou Adair, recebendo um ligeiro franzir de sobrolho da parte de Penelope.

— Tens alguma prova? — contrapôs ela. A sala ficou em silêncio, e Penelope sorriu. — Nesse caso, eu diria que não é correto faltarmos à nossa palavra apenas por razões de ódio e ressentimentos em relação ao passado.

Adair passou uma mão pela face. Maldita cunhada, mais a confiança dela nos outros. A mulher passara a vida toda nas ruas elegantes de Londres, protegida da fealdade do mundo, e só conhecera alguma coisa da realidade nos últimos dois anos.

— Penelope — começou Ryker baixinho.

— *Tu* tens alguma prova disto, Ryker? — interrompeu-o a mulher. — Se não tens, temos de honrar o nosso compromisso. Prometemos-lhes uma temporada. *Nós* — especificou, abarcando o pequeno círculo de pessoas que constituíam a sua família —, todos nós. Não admito que não cumpramos a nossa palavra.

— As coisas mudaram — insistiu Ryker com uma voz rouca.

— Mudaram? — interveio Killoran suavemente, sem se deixar afetar minimamente pelos olhares carregados que incidiam sobre ele. — A Cleopatra prometeu levar o Marksman à mulher

dele — começou, erguendo o indicador — e cumpriu. E vocês prometeram patrocinar uma das minhas irmãs durante uma temporada.

Penelope acenou com a cabeça.

— E vamos cumprir a promessa, sem tirar nem pôr, Ryker — declarou.

Broderick Killoran recebeu aquela declaração com um sorriso presunçoso, revelando uma fileira de dentes muito brancos.

— Fico-lhe muito agradecido...

A mulher de Ryker voltou a sua atenção para ele.

— Eu não gosto de si, Sr. Killoran. — A boca do proprietário imobilizou-se num sorriso tenso, intrigado. Com a juba de caracóis louros que o caracterizava e uma conhecida habilidade para encantar os nobres com cujo caminho o seu se cruzava, era evidente que Killoran não estava habituado a que não gostassem dele. — O senhor infiltrou-se nos clubes da minha família — prosseguiu a mulher de Ryker. — E, quando eu me casei com o Ryker, produziu uma mensagem vil destinada a gerar conflitos entre mim e o meu marido. — A cada uma destas acusações, ela ia erguendo um dedo. — O senhor tentou semear a discórdia no meu casamento. Por isso, não lhe passe pela cabeça interpretar a minha decisão como um gesto de simpatia. Estamos entendidos?

Até um Killoran tinha a elegância de corar quando era preciso, e este inclinou ligeiramente a cabeça.

— Estamos, sim, minha senhora.

A humildade do homem suscitou uma enorme irritação em Adair. Que diferente era aquela família, com o amor que tinham pela nobreza, da de Adair e dos irmãos, que, à exceção das mulheres que haviam entrado para o grupo por via do casamento, tinham o maior desprezo pelos aristocratas.

Penelope estendeu a mão, e Killoran, depois de hesitar um momento, selou o acordo com um aperto de mão.

— Um Black com honra — resmoneou Cleopatra Killoran. — Quem teria imaginado que tal coisa existisse!

Killoran lançou à irmã um olhar letal, que a fera ignorou diligentemente.

— Vou mandar preparar os pertences de uma das minhas irmãs e...

— O quê? — A menina Killoran e Ryker reagiram a uma só voz.

— Os pertences de uma das tuas irmãs? — bradou Ryker, de narinas abertas como as velas de um navio.

Cleopatra pôs-se em bicos de pés com uma expressão de horror no rosto e uma pergunta nos olhos. A expressão desapareceu tão depressa que Adair chegou a pensar que a tinha imaginado. *Que interessante.*

Adair soltou um assobio.

— Tu és completamente doido, Killoran. — O comentário valeu-lhe um novo olhar severo por parte da jovem. Com certeza que ambos tinham o bom senso de não esperar que eles acolhessem um membro daquela família.

— Mas que história vem a ser essa?! — exigiu saber Ryker. — Não estás certamente a pensar que eu vou permitir que um membro da tua família se instale em minha casa.

O proprietário da Caverna do Demónio pegou nas luvas e começou a calçá-las com uma calma estudada.

— O que eu pretendo é que uma das minhas irmãs se case com um cavalheiro de boas famílias.

Desta vez, a diabinha olhou para ele com uma expressão preocupada. Quer dizer que ela também não gostava deles.

— Não posso permitir que a Gertrude volte todas as noites...

— Não! — declarou Adair com firmeza.

— ... para o sítio onde esses cavalheiros acabam invariavelmente por ir parar. — A suave gabarolice foi acompanhada por um sorriso ligeiro, e Adair cerrou os punhos com força, evitando recordar a distância a que, naquele momento, o seu próprio estabelecimento se encontrava do estabelecimento rival.

— Aqui em casa é que tu não ficas — declarou Ryker num tom decidido, cruzando os braços.

Broderick Killoran soltou uma pequena gargalhada.

— Bem, eu não fico, evidentemente. Seria incapaz de viver nesta casa. E tenho de gerir o meu clube. Mas a minha irmã mais velha pode e vai viver aqui.

Que grande lata tinha aquele homem. Adair deu mais um passo em frente e esticou um dedo na direção dele.

— Não foi isto que ficou combinado.

— O que ficou combinado foi que vocês patrocínavam uma das minhas irmãs durante uma temporada — retorqui Killoran.

— E, que eu saiba, as meninas não andam a correr de uma casa para outra durante a temporada.

Já sabia muito mais do que Adair sobre o modo de viver dos malditos *ton*.

Penelope tamborilou nos lábios com a ponta do indicador.

— Muito bem.

Adair soltou uma maldição.

— Não se pode confiar nesta gente, Penny!

Calum confirmou com um aceno de cabeça.

— Ele tem razão.

Pelo canto do olho, Adair detetou o brilho de indignação que iluminou os olhos da menina Killoran.

— Não és tu que decides, Penelope — atalhou Ryker, e o tom de miúdo das ruas voltou a fazer-se notar. — Eles não podem ficar a viver cá em casa.

— Mas a irmã deles pode e vai ficar. — Penelope olhou para a jovem com uma expressão de curiosidade, a que a menina Killoran correspondeu com um olhar cauteloso. — E tu, quem és?

É uma filha do Demónio e um diabrete em pessoa.

— Cleopatra Killoran — informou o irmão. — Eu tenho mais duas irmãs.

Tem lá em casa mais duas como este duende de língua afiada? Adair até se arrepiou.

— Uma irmã — interveio Ryker, antes de a mulher ter tempo de dizer fosse o que fosse. — Uma temporada.

— E a dívida fica paga — declarou Niall num tom solene.

— Está o assunto resolvido. — Killoran inclinou-se com uma vénia elegante. — Cavalheiros, minha senhora. — Dito isto, estendeu o braço a Cleopatra Killoran.

Ignorando a oferta, a rapariga saiu da sala sem uma palavra, abrindo caminho como se fosse nada menos do que a rainha.

Capítulo 3



Não digas nada. Não digas nada. Não digas nada. Enquanto percorria, em passo marcado, os corredores atapetados a rosa-claro da mansão de Ryker Black, Cleopatra Killoran ia-se concentrando no toque dos próprios sapatos no chão. Era um truque que tinha aprendido em criança, que usava sempre que a mente tentava arrastá-la para zonas obscuras. Qualquer outra pessoa teria ficado impressionada com a extravagante opulência da residência de Grosvenor Square. Mas Cleopatra não era uma pessoa qualquer, e não era certamente o tipo de mulher que se passeia pelos corredores da casa de um visconde.

Era mulher para conhecer o sabor do sangue na boca, o toque de uma lâmina na palma da mão e o eco dos pesadelos de tempos passados.

Por tudo isso, não se permitia ouvir outra coisa que não fosse o som dos seus próprios passos.

Faria o que fosse preciso para se impedir de pensar no idiota do irmão, que caminhava atrás dela, e no facto de ele praticamente ter rastejado aos pés de uma *lady* a troco da possibilidade de conviver com laia de sangue azul. Cleopatra rangeu os dentes.

Quando Broderick Killoran entrara para a família, ela era uma miúda e ele um rapaz prestes a fazer-se homem, que acabara de ficar órfão e ainda não conhecia as ruas. Usava palavras caras e tinha um corpo bem nutrido, mas o medo luzia-lhe nos olhos, e Cleopatra odiou-o à primeira vista. O ódio tinha durado um mês inteiro, o tempo que ela levava a conhecer-lhe o valor e a passar a beneficiar da sua proteção... e, a partir de então, do seu amor. Pelo menos durante algum tempo. Porque agora ela tinha voltado a odiá-lo.

Quando chegaram ao vestíbulo, tinham à sua espera o mordomo e um grupo de criados repugnantes de Ryker Black, com as capas dos visitantes nas mãos. Um dos guardas de Black avançou e fez menção de lhe colocar a capa aos ombros, mas Cleopatra arrancou a musselina das mãos do homem com um gesto brusco e vestiu-a sozinha. Depois estendeu a mão para a touca, nas mãos de outro guarda, e este teve a sensatez de lha entregar e recuar um passo.

O mordomo abriu a porta e ela agradeceu-lhe em silêncio. Os Blacks tinham acusado a família de Cleopatra de lhes ter incendiado o clube. Tratava-se de um crime pelo qual eles não eram responsáveis... e poucas vezes podiam afirmar semelhante coisa sem estar a mentir. Naquele momento, ela teria preferido reduzir a elegante mansão a cinzas a deixar-se ficar lá dentro mais um segundo que fosse. De touca na mão, Cleopatra saiu da residência dos Blacks a passos largos e desceu os degraus a grande velocidade.

— Cleo! — chamou o irmão.

— Nem uma palavra — ordenou ela por entre dentes, desviando-se de um casal finório que por ali passeava.

O cavalheiro e a senhora lançaram-lhe um olhar distante, condescendente. Cleopatra fez uma pausa e fixou-os com tal fúria que eles apressaram o passo.

Malditos aristocratas. Qualquer outra mulher se teria sentido intimidada, magoada até, por tal desdém. Cleopatra, porém, há muito que se tornara indiferente à opinião do mundo. Depois

de ter visto muitos daqueles cavalheiros da alta sociedade a sodomizar crianças na rua e a espancar prostitutas nos clubes, não era capaz de conceder a nenhum deles autoridade moral que lhe permitisse ter-lhes respeito.

Cleopatra aproximou-se da carruagem e, ignorando a mão que Finnett lhe estendera, içou-se pelos seus próprios meios.

— Foi assim tão mau, menina Cleo? — perguntou o velho condutor, olhando de relance para a mansão dos Blacks.

— Foi pior que mau — respondeu ela, encolhendo o lábio superior num trejeito involuntário de desdém e esforçando-se por resistir à tentação de presentear o irmão com um murro que lhe partisse aquele nariz perfeitoinho. Acomodou-se, pois, entre as almofadas de pelúcia azul-clara e fixou os olhos na porta, com ar irritado.

Ostentando o maldito sorriso afável que constantemente afivelava no rosto, Broderick içou-se por sua vez e foi instalar-se diante dela. Os dois irmãos encararam-se fixamente, travando uma épica batalha de silêncio.

Momentos depois, a carruagem deu um solavanco para diante e seguiu caminho com o seu ruído característico, deixando as ruas elegantes de Londres e rumando às sarjetas que eram o domínio dos Killorans. Broderick era o único membro da família que parecia incapaz de compreender esta realidade. Ou talvez começasse a aceitá-la.

Tinha sido Mac Diggory, o mais feio e depravado de todos os canalhas de St. Giles e dos Dials, a trazer Broderick para o bando; e Broderick fora a primeira pessoa que, ao longo de toda a sua miserável existência, ela vira sorrir. E não era um sorriso endurecido pela vida nas ruas, um sorriso que prometia vingança e morte — era uma coisa... genuína. Uma coisa que eles não conheciam, com que nunca teriam sido capazes de se identificar, dada a vida infernal que levavam.

Com o tempo, aquele sorriso adquirira novas formas, tinha-se retorcido e transformado, e, embora o irmão continuasse a ser capaz de sorrir pelo simples facto de se sentir divertido com

alguma coisa, Cleopatra reconhecia que o sorriso se tornara uma expressão ensaiada. Maldito fosse Broderick pelo autocontrole de que dera mostras ainda agora. Para onde fora o raio do orgulho dele durante a reunião em casa dos Blacks? A ideia tirou-lhe a paciência, e Cleopatra atirou a touca para cima do banco da frente.

— Que raio foi aquilo?

Ele piscou-lhe o olho, num silencioso registo da derrota da irmã.

— Que raio foi o quê? — retorquiu ele, com uma descontração que a levou a cerrar novamente os punhos, quase sem se dar conta. — A vitória sobre os Blacks? — perguntou, estendendo as pernas e tocando nos joelhos dela.

Ela soltou um assobio.

— Tu estás completamente apanhado pelos aristocratas. — E não era de agora, sempre estivera. — Enlouqueceste, com essa ânsia de respeitabilidade.

Ele corou intensamente.

— Qual é o mal de querer que a nossa família tenha uma vida melhor?

— Ainda não aceitaste que nós nascemos com o fedor das ruas entranhado na pele — replicou ela com um trejeito de escárnio. — E esse fedor não sai, por muito que nos esfreguemos com óleos finos e fragrâncias cheirosas. — Vendo que ele não reagia, Cleopatra pontapeou-o nos tornozelos. O irmão fez um trejeito de dor e recolheu as longas pernas. — Além disso, o que ali se passou não foi vitória nenhuma. Foste tu a lamber as botas ao inimigo. — Só de pensar na arrogante expressão de triunfo de Adair Thorne ao ver que Broderick praticamente suplicava que o acordo entre as duas famílias fosse cumprido, ela comprimiu os lábios.

O irmão sentiu uma veia pulsar-lhe no canto do olho.

— Eu não lambi as botas a ninguém — sussurrou ele num tom inflexível, que já afugentara muitas pessoas.

— Pois não — concedeu Cleopatra, e ele deixou descair um pouco os ombros, aliviando-lhes a tensão. — Desta vez, foram os sapatinhos de uma madame.

Broderick inclinou-se para diante.

— Eu estou a fazer isto pela nossa família. Construámos uma fortuna que faria inveja a Creso, e, quando estabelecermos ligações com a nobreza, o lugar da Caverna do Demónio ficará garantido. Este mundo é um local perigoso.

Cleopatra não estava disposta a dar parte de fraca e confessar que não fazia ideia nenhuma de quem era o tal Creso. Tinha aprendido há muito tempo a ouvir Broderick falar de coisas finas sem lhe revelar a sua própria incompetência nessas matérias.

— Assim que estabelecermos essas ligações, nada nos poderá parar, Cleo. — Um brilho passou-lhe pelos olhos, endurecendo-os. — Nada.

Obrigando-se a esconder o desagrado que sentia, Cleopatra ergueu o queixo e avançou para o busílis da questão.

— Qual delas? — Qual das irmãs Killoran tinha ele decidido sacrificar como um cordeirinho no altar das suas aspirações de grandeza?

A boca dele ficou rígida.

— Qual delas? — repetiu Cleopatra, apoiando as palmas das mãos nos joelhos.

— Devia ser a Gertrude, que é a mais velha — disse ele, começando a descalçar as luvas. — A ordem das coisas é importante na sociedade — explicou-lhe, enfiando os elegantes objetos em pele dentro do casaco.

— A Gertrude — repetiu ela devagar. A mais velha de todos os irmãos; cega de um olho e a mais discreta e submissa de todos. Gertrude seria comida viva pelos lordes de Londres e, pior do que isso, destruída pelo aristocrata que a tomasse como sua mulher. A carruagem deu um solavanco que a empurrou para trás, e Cleopatra agarrou-se à borda do assento com uma das mãos. Espera... tinha havido ali uma palavra: *devia*. — Quer dizer que não é a Gertrude que lhes vais mandar.

Ele encolheu os ombros.

— Nenhum cavalheiro vai querer casar-se com uma solteirona, e ela já está praticamente na prateleira.

**ELES SEMPRE ODIARAM AS CHAMAS.
MAS UM FOGO INCONTROLÁVEL
IRÁ SURGIR ENTRE OS DOIS.**

A família Black acabou de ver o seu clube arder, e está certa de que os Killorans, seus rivais, estão por detrás disso. Ambas as famílias tinham feito um acordo de tréguas, que parece estar agora por um fio. Nesse acordo, ficara estabelecido que Cleopatra Killoran iria viver com os Blacks até arranjar um marido nobre. Broderick Killoran, o irmão mais velho, mostra-se intransigente em relação à anulação do acordo, pois defende que a sua família nada teve que ver com o incêndio.

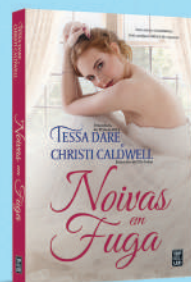
Ninguém consegue obrigar Cleopatra, uma mulher destemida e traiçoeira, a fazer seja o que for, mas ela sabe que ir para casa dos Blacks será o melhor para proteger os seus. Por isso, acede, ainda que contrariada. Contudo, ela não permitirá ser subjugada por nenhum membro daquela família.

Há uma coisa, porém, que ameaça as regras do jogo: o segredo de Cleopatra. Isso poderia desfazer a ténue trégua das famílias e destruir o romance imprevisivelmente pecaminoso que se forma entre aquela jovem fera... e um malandro que poderia ser o próprio diabo.

«Christi Caldwell é uma mestre das palavras. Uma Fera Apaixonante é tão vibrante que deixará os leitores sem fôlego.»

RT Book Reviews

DEIXE-SE APAIXONAR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-512-1



Ficção Romântica